

**GOVERNO DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE  
SECRETARIA DE ESTADO DA EDUCAÇÃO E DA CULTURA  
INSTITUTO DE EDUCAÇÃO SUPERIOR PRESIDENTE KENNEDY – IFESP  
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO  
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PEDAGOGIA – LICENCIATURA**

**KEYTE KALIANE COSTA DE PAIVA**

**TRAJETÓRIA DE MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS NA CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

**NATAL/RN  
2013**

**KEYTE KALIANE COSTA DE PAIVA**

**TRAJETÓRIA DE MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS NA CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Memorial de Formação – Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia apresentado ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, como requisito parcial para obtenção do título de Licenciatura em Pedagogia, sob a orientação da Professora Ms. Maria José Lima dos Santos.

**NATAL/RN  
2013**

**KEYTE KALIANE COSTA DE PAIVA**

**TRAJETÓRIA DE MEMÓRIAS INDIVIDUAIS E COLETIVAS NA CONSTRUÇÃO  
DA IDENTIDADE PROFISSIONAL**

Memorial de Formação – Trabalho de Conclusão do Curso de Graduação em Pedagogia apresentado ao Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Pedagogia, avaliado pela seguinte banca examinadora:

---

Professora Formadora: Esp. Maria Suely Rocha Rodrigues – IFESP

---

Professora Convidada: Esp. Maria do Socorro Freitas e Sousa Costa – IFESP

---

Professora Ms. Maria José Lima dos Santos – Orientadora – IFESP

Natal (RN), \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de 2013.

Dedico este Memorial de Formação

à minha mãe,

irmãos,

filho e esposo,

com todo carinho.

## AGRADECIMENTOS

Aos meus pais Cinedina e Gilson (*in memoriam*) por toda dedicação, amor, incentivo e apoio incondicionais. As primeiras e mais importantes lições partiram de vocês!

Aos meus irmãos Hígor, Rôney e Eric por me lembrarem que o amor fraterno é essencial e edifica pessoas.

Ao meu filhote Arthur por fazer com que os meus dias sejam sempre diferentes, por mostrar-me que criança é capaz de ensinar lições inesquecíveis. Meu amor por você é infinito.

Ao meu esposo Otacílio por caminharmos juntos. Seu apoio, paciência e compreensão neste trajeto feito de renúncias e partilhas são importantes e me fazem querer avançar.

À minha sogra dona Maria por todos os gestos de carinho, apoio e sabedoria. Estes gestos sempre me impressionam!

À Diva Andrade, Ilda Brandão, Eliane Cavalcante por acreditarem que sou capaz de desenvolver um bom trabalho. Obrigada pela confiança!

Aos meus amigos Ruth Paiva, Gorette Monteiro, Conceição Bilro, Micarla de Souza e Enoque Vieira pelo incentivo, disponibilidade em ajudar e acreditarem que eu posso “mais”. Poder contar com vocês é muito gratificante!

Aos professores do “Kennedy” que foram peças fundamentais para a concretização da minha licenciatura, seus métodos pedagógicos fazem a diferença. Orgulho-me por isso!

À Maria José Lima dos Santos pela paciência e competência empregadas na orientação deste memorial. Sem sua paciente orientação não sei se resgataria tantas memórias e produziria este material importante.

Aos meus colegas de turma, pois sem eles as experiências não teriam sido tão satisfatórias. Cada um contribuiu com sua diferença para que as vivências se tornassem marcantes. Fazemos parte da história do “Kennedy”!

*Aprender é a única coisa de que a mente nunca se cansa,  
nunca tem medo e nunca se arrepende.*

*Leonardo da Vinci*

## RESUMO

Este memorial intitulado “Trajetória de memórias individuais e coletivas na construção da identidade profissional” consiste no trabalho de conclusão de curso que inicia abordando a importância do resgate de memórias para construção de um memorial de formação acadêmica, bem como, da identidade profissional do trabalhador em educação, em seguida, enfatiza as memórias mais relevantes das aprendizagens adquiridas em torno da trajetória estudantil da autora – da base familiar à graduação em Pedagogia, e da trajetória profissional numa perspectiva reflexiva embasada em teorias educacionais estudadas no decorrer das aulas vivenciadas no Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP.

**Palavras-chave:** Aprendizagens. Memórias. Perspectiva reflexiva. Trajetória.

## SUMÁRIO

|   |           |
|---|-----------|
| <b>1 INTRODUÇÃO.....</b>  | <b>9</b>  |
| <b>2 INFÂNCIA: BASE FAMILIAR, PRIMEIROS PASSOS EDUCACIONAIS.....</b>                      | <b>11</b> |
| <b>3 VIDA ESCOLAR: ADAPTAÇÃO, ENCANTO, DESCOBERTAS.....</b>                               | <b>15</b> |
| 3.1 MUNDO NOVO, NOVOS DESAFIOS: CONTINUAÇÃO DA TRAJETÓRIA,<br>VIVÊNCIAS MARCANTES.....    | 23        |
| <b>4 VIDA PROFISSIONAL: ESTREITAMENTO COM A EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO<br/>ACADÊMICA I.....</b>   | <b>27</b> |
| <b>5 FORMAÇÃO ACADÊMICA II: FORTALECIMENTO DE ELOS E A<br/>CONTRIBUIÇÃO DO IFESP.....</b> | <b>31</b> |
| <b>6 MAIS ALGUMAS CONSIDERAÇÕES.....</b>  | <b>38</b> |
| <b>REFERÊNCIAS.....</b>   | <b>40</b> |



## 1 INTRODUÇÃO

*“[...] a escrita de si é formadora, promovendo a aprendizagem biográfica: conhecimentos que emanam da reflexão sobre a experiência vivida, e a reinvenção de si: transformação das representações de si mesmo mediante a vida ressignificada.” Maria da Conceição Passeggi*

A construção do memorial de formação acadêmica é um processo de resgate, não apenas de memórias pessoais, mas de aspectos sociais, históricos, culturais que ultrapassam elementos individuais e acarretam em material concreto de uma coletividade que participou da trajetória estudantil e profissional de quem se propôs escrever o memorial. O memorial de formação é o relato da construção da identidade profissional de alguém, mesmo que não haja concordância entre a função profissional que você exerce e a formação acadêmica, mas em alguma situação já vivenciada foi marcante e conciliou com sua escolha acadêmica atual. Neste sentido, concordo com a afirmação de Passeggi (2010, p.1) sobre a escrita do memorial de formação como uma ação auto reflexiva, pois,

O memorial como escrita de si é primeiramente uma ação de linguagem. Se a escrita não pode modificar os fatos vividos, ela pode modificar sua interpretação. Ao simbolizá-los de outra maneira, modificamos a consciência que temos dos fatos, de nós mesmos e de nossa ação no mundo. (PASSEGGI, 2010, p. 1)

Assim, compreendo o memorial como um exercício de resgate das ações do “eu” antes de me fazer um profissional da educação, ou seja, relato a trajetória que percorri enfatizando as práticas que desenvolvo na minha atividade profissional como secretária escolar refletindo momentos importantes que fizeram com que eu aliasse a todas as etapas da minha formação acadêmica.

Desse modo, D’Onofrio (1999) *apud* Câmara e Passeggi (2012, p.1) configura o gênero memorial como sendo “um currículo comentado, a história de uma vida refletida, a autoanálise dos fatos memoráveis, visando especialmente pôr em luz a evolução na área de conhecimento escolhida”.

Nessa perspectiva, este trabalho de conclusão de curso, que é configurado pelo gênero Memorial de Formação Acadêmica, caracteriza-se pelas reflexões feitas a partir do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Educação Superior Presidente Kennedy – IFESP acerca dos elos existentes na minha trajetória

estudantil – dos primeiros anos escolares à graduação acadêmica, na área profissional e pessoal e como tais caminhos influenciaram as experiências que vivenciei.

São destacadas as contribuições para minhas aprendizagens, que elenquei de maior pertinência, as quais possibilitaram um olhar reflexivo sobre a minha prática como educadora. São contribuições de várias personagens que intimamente estão relacionados com a construção deste trabalho: familiares, professores, colegas de profissão e de sala de aula, bem como aqueles com quem foi possível estabelecer, ao longo do curso, o constante diálogo através da leitura e reflexão de obras dos mais diversos teóricos da educação que enriqueceram a minha percepção sobre a importância destes na minha vida acadêmica.

Este memorial está estruturado em seções que simbolizam reflexões acerca da minha trajetória, divide-se em: infância, vida escolar, vida profissional e formação acadêmica. As considerações também são parte do processo, através delas reflito, de forma sucinta, sobre todo o processo de construção do memorial. As referências são norteadoras de minhas reflexões, eu não pensei sozinha, estive acompanhada de teóricos que possibilitaram a ponte entre a prática-teoria-ressignificação que são citados ao longo deste trabalho. É através desses itens que traço a importância do conhecimento e o significado dos elos construídos em torno das minhas experiências, evidenciando que o saber proporciona crescimento contínuo e nunca cessa.

## 2 INFÂNCIA: BASE FAMILIAR, PRIMEIROS PASSOS EDUCACIONAIS

*“A educação é um processo social, é desenvolvimento. Não é a preparação para a vida, é a própria vida.” John Dewey*

O pontapé inicial do resgate das minhas memórias é feito a partir do meu nascimento que se deu em 02 de abril de 1981, na cidade de Umarizal, localizada a 390 km de Natal, no alto oeste do Estado do Rio Grande do Norte.

Sou a primogênita da família que é composta por uma pedagoga e um pedreiro, e que segundo eles, fui muito desejada. Penso ser “coisa” de “pais corujas”.

Foi no ambiente familiar que agreguei os primeiros valores educacionais, e com eles construí a base da minha educação formal/institucional, a aplicada nas escolas, em salas de aulas e onde o professor é o elo entre os educando e o conhecimento e que segundo Libâneo (1994) a escola é um sistema de instrução com propósitos intencionais já pré-estabelecidos. Pela educação escolar democratizam-se os conhecimentos e é na escola que se adquire conhecimentos científicos que formam a capacidade de pensar criticamente os problemas e desafios postos pela realidade social. Com tal destaque faço referência ao que consegui perceber durante uma das discussões na disciplina Educação Sociedade e Cultura I que foi bastante importante para minha formação.

Através dos ensinamentos que obtive dos meus pais, em particular de minha mãe, aprendi desde cedo noções de civilidade, cidadania, posicionamento político (sim! Desde muito cedo discuto sobre política e seus desdobramentos), afetividade e respeito aos indivíduos, acredito que esses tipos de discussões são válidas para que a criança esteja livre de qualquer tipo de alienação ou manipulação, bem como a probabilidade de crescer em um ambiente propício para um desenvolvimento equilibrado de qualquer indivíduo.

Ressalto a importância dos ensinamentos maternos, pelo fato deste ato ainda ser predominantemente da responsabilidade feminina, mesmo que a configuração social tenha mudado e que a mulher esteja ocupando outros espaços, esta função: educar os filhos fica a cargo da mulher, mostrando limites, normas, noções sociais, cuidando e zelando.

Remeto-me às minhas reflexões na disciplina Psicologia da Educação I para destacar o papel do pai e da mãe na educação dos filhos, assim, concordo com Manfroi, Macarini e Vieira (2011) quando afirmam que:

[...] apesar da presença do pai nas famílias, o que diversos autores têm destacado é que as mães se caracterizam como as principais cuidadoras. [...] A estrutura sociocultural de uma dada sociedade marca a vida de homens e de mulheres e por consequência exerce efeito sobre os papéis parentais, até mesmo na disponibilidade de tempo para se dedicar aos filhos e à família. Algumas tarefas com relação aos filhos e à casa demandam mais tempo do que outras, influenciando a divisão social e sexual do trabalho. (MANFROI, MACARINI e VIEIRA, 2011, p. 62-63)

Esta não é uma visão machista<sup>1</sup>, apenas reforço que os lares que são constituídos pelas figuras do pai e da mãe, os papéis são desempenhados conforme o gênero, nesta relação há uma divisão de tarefas pré-acordadas ou não pelos pais.

Minha mãe pode ser considerada o exemplo da “mulher do final do século XX”, a que está inserida no mercado de trabalho, é provedora da maior parte da renda familiar e responsável pela organização da casa e dos personagens que a habitam. Mulher corajosa, ética, que rompe barreiras até hoje, líder no ambiente de trabalho e no familiar, protetora ao extremo. É a ela que credito toda minha vocação para estudar e chego à conclusão que o ambiente escolar é parte integrante de mim em função do incentivo que recebo da minha mãe. Ao meu pai, coube principalmente, o brincar, enfatizando que tudo poderia virar brinquedo, tudo poderia virar brincadeira e todo e qualquer espaço poderia ser usado pelos brincantes, tarefa esta bastante prazerosa e que foi característica primordial dele. Além de ter sido um exímio pedreiro foi também exemplo de honestidade e responsabilidade. Defino a relação com os meus pais da seguinte forma: a lei, minha mãe e o advogado, meu pai, pois minha mãe ditava/dita as regras e o meu pai achava meios para cumpri-las de forma amena. Esse convívio harmonioso foi fundamental para o meu desenvolvimento em todos os aspectos.

O meu cotidiano, na infância, foi cercado de brincadeiras e brinquedos comuns à época: bola, bambolê, academia (amarelinha), boneca, casinha, bila (biloca), queimada, elástico, tica e esconde-esconde. Sempre brincava ao ar livre ou em uma sombra qualquer, por causa da alta temperatura que incide naquela região.

---

<sup>1</sup> Machismo - nome masculino. 1. Ideologia que defende a supremacia do macho (homem); 2. Atitude de dominação do homem em relação à mulher baseada na não aceitação da igualdade de direitos.

As crianças costumam brincar no final da tarde ou pela manhã ficando sempre “abrigadas”, protegidas do sol.

Quando não havia parceiro para dividir as brincadeiras, contentava-me em subir nas árvores do quintal (isto causava alguns machucados sérios), inventar brinquedos e brincadeiras, assistir televisão (a primeira comprada foi em 1986) e após ingressar na escola, o passatempo preferido passou a ser a leitura e assim os livros se tornaram meus grandes companheiros.

Foi em um ambiente simples e de muito equilíbrio emocional que cresci e até quase seis anos fui filha única. A convivência com os demais membros da família (primos e primas, tios e tias, avós e avô) me proporcionou experiências gratificantes, que envolveram noções de companheirismo, coletividade, afetividade e lembranças presentes até hoje.

Após esse tempo significativo, sendo filha única, nasceu um dos meus irmãos, em seguida vieram mais dois. Três irmãos, todos do sexo masculino com dois anos na diferença entre as suas idades. Fato que, por um lado, facilitou a convivência entre eles, por outro me manteve um pouco afastada desse laço fraterno que foi construído por eles ocasionado pela diferença de idades entre mim e eles. Mas, neste sentido, percebo que a contribuição dos meus pais para nos manter confortáveis e ligados pelos fatores que compõem uma base familiar foi uma mola propulsora para que até hoje tenhamos o melhor relacionamento fraternal possível, são laços afetivos e incondicionais.

Refletindo acerca da família enquanto instituição social e a importância que tem na construção da identidade pessoal e social do indivíduo, faço referência à Sambrano (2006) quando afirma que,

Pode-se pensar a família como uma entidade dinâmica que situa e legitima o indivíduo no seu grupo social, apresentando especificidades que a diferenciam de qualquer outra instituição, uma vez que adota formas de organização distintas no que diz respeito as suas finalidades e funções, ou ainda, considerá-la como um grupo social concreto através do qual se efetivam vínculos resultantes de três tipos de relações de parentesco, quais sejam a relação de consanguinidade entre irmãos, de descendência entre pais e filhos e a afinidade entre os membros do casal. (SAMBRANO, 2006, p. 140)

Dessa forma, vejo a família como uma organização de apoio para os momentos que contextualizam as nossas mudanças e que dá suporte para a construção da nossa identidade. Esta foi uma das importantes reflexões que se

deram no decorrer da disciplina de Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil II, onde em uma das discussões falamos sobre o papel da família em determinar as dimensões das práticas educativas das crianças. Evidenciou-se que é a partir do núcleo familiar que se desenvolve a personalidade e o primeiro espaço de aprendizagens.

### 3 VIDA ESCOLAR: ADAPTAÇÃO, ENCANTO, DESCOBERTAS

*“A educação é o estabelecimento de comportamentos que serão vantajosos para o indivíduo e para outros em algum tempo futuro.” Skinner*

Foi na Escola Estadual Zenon de Souza, em Umarizal, local onde morei até 02 de janeiro de 1991 e que dei os primeiros passos na minha trajetória escolar. Lá estudei desde a fase pré-escolar, hoje Educação Infantil, até a terceira série do denominado 1º grau à época, atualmente Ensino Fundamental.

Considero esse período importante para minha formação, pois foi a base que delineou o meu perfil enquanto estudante e foi neste contexto que iniciei o processo de alfabetização. Apesar de ter convivido sempre cercada de livros e incentivada à prática da leitura, em razão da profissão da minha mãe, que também, além de Pedagoga ela exercia a docência na rede pública de ensino, sempre fez esforços para que eu e meus irmãos pudéssemos ter acesso à educação de qualidade e nos estimulou a querer que nossas vidas fossem impulsionadas através do ato de estudar.

Sempre fui consciente que, independente de onde eu estiver estudando, se em um local reconhecido por “bons índices acadêmicos” ou não, eu sou a principal responsável pelo meu desempenho. Na minha casa, os hábitos de ler e estudar sempre estiveram atrelados à ampla possibilidade de crescimento, seja ele financeiro ou pessoal.

Comecei minha trajetória estudantil em 1986, vivenciando a fase pré-escolar (nomenclatura utilizada na época, hoje, denomina-se Educação Infantil) lembro-me, com maior nitidez que tive duas professoras, Clédina e Rejane que se revezavam entre os turnos matutino e vespertino e eu estava na turma de “Pré I”, aos 05 anos de idade, equivalente hoje ao Nível V da Educação Infantil.

Atualmente, a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, de acordo com a Lei de Diretrizes e Bases – LDB – Lei nº 9.394/96 e pressupõe uma ação complementar a da família e a da comunidade, assim, o atendimento que é realizado pelas instituições às crianças de 0 a 6 anos é direcionado de forma específica a priorizar os direitos, os cuidados e a educação das crianças nessa faixa etária.

Assim, além da família, as instituições de Educação Infantil possuem um papel socializador e conduzem o crescimento da criança em todos os aspectos. Conforme Sambrano (2006):

[...] a entrada das crianças na Educação Infantil tem sido caracterizada como um momento de extrema importância para as experiências infantis e merecedor de atenção, participação e envolvimento dos pais, de forma mais acentuada nesse primeiro nível da Educação Básica em relação às etapas subsequentes. (SAMBRANO, 2006, p.148).

Sendo assim, faço uma reflexão acerca da diferença entre a Educação Infantil praticada nos anos de 1980 e a que se institui atualmente, pois as crianças, os professores e os pais mantinham outro tipo de relação com o tema, visto que não havia obrigatoriedade em se manter as crianças menores de 7 anos nos espaços escolares. Assim, as práticas educativas tanto das creches quanto das famílias não favoreciam tanto a demanda que as crianças necessitavam. A falta de material didático específico ou de discussões sobre o fazer pedagógico na educação infantil implicava em uma espécie de “educação amadora”, sem conotação profissional.

Em leituras feitas no decorrer da disciplina Alfabetização e Letramento I, Mortatti (2000, p. 11) cita que na década de 1980 houve o surgimento das cartilhas do construtivismo e/ou do interacionismo<sup>2</sup> e que elas disputavam espaço com as tradicionais, dessa forma, reflito que na escola em que cursei a pré-escola não havia cartilhas, as minhas professoras não as utilizavam e mesmo assim, eu e meus colegas iniciamos o processo de alfabetização. É uma reflexão contraditória, pois falo em amadorismo na educação pela falta de cartilha/material didático e mesmo assim, a alfabetização aconteceu.

O aprendizado adquirido no ano em questão (1986) me favoreceu de maneira positiva, apesar de ter vivenciado um momento desagradável em uma das atividades em que foi proposta à turma. Isto me marcou bastante, pois foi algo relacionado com a nossa livre expressão através de um desenho. Uma das

---

<sup>2</sup> Pensamento interacionista: baseia-se em uma concepção interacionista de linguagem, de acordo com a qual o texto (discurso) é a unidade de sentido da linguagem e deve ser tomado como objeto de leitura e escrita, estabelecendo-se o texto como conteúdo de ensino, que permite um processo de interlocução real entre professor e alunos e impede o uso de cartilhas para ensinar a ler e escrever. Fonte: Mortatti (2000)



professoras disse: “Essa menina não sabe nem desenhar e é porque é filha de professora!”.

Foi um termo pesado para ser dito a uma criança de cinco anos e que deixou marcas importantes, fazendo com que eu ficasse envergonhada diante qualquer tipo de exposição. Foi dito em tom de desdém, deboche e que no momento, por não conhecer tais termos, senti que ela estava “fazendo pouco de mim”.

A partir desse episódio não me senti segura para desenhar, perguntar ou interagir com as professoras ou colegas. Fiquei retraída, desempenhava as tarefas apenas quando era solicitada, não as começava de maneira espontânea, mas apesar disso, não houve comunicação entre a escola e os meus pais sobre minha mudança de comportamento.

Talvez a mudança tenha sido sutil e eu esteja interpretando com outro “tom”, acredito também que essa minha fase menos extrovertida durou apenas o ano em questão, pois nos anos seguintes, com outras professoras, tudo pareceu fluir normalmente. Já não me sentia inibida em realizar as atividades propostas.

Reflito tal episódio comparando com a postura desempenhada por educadores na década de 1980 e atualmente, assim, remeto-me à disciplina Corporeidade e Educação quando foi discutido o papel do professor, e como é necessário estar inteirado do quadro educacional globalizado que vem surgindo na última década, a necessidade de se adaptar aos novos sujeitos, mudando inclusive sua postura frente à nova demanda dos alunos. Neste contexto, Moraes (2003) diz que:

Hoje, [...] urge uma pedagogia voltada para a formação integral do aprendiz, para o desenvolvimento de sua inteligência, de seu pensamento, de sua consciência e seu espírito. [...] valorizemos mais a experiência, a reflexão, a autonomia, a construção coletiva, o diálogo, a sincronicidade dos processos; a abertura ao novo e ao criativo, às circunstâncias que surgem, e negaremos o monólogo, o condicionamento, a padronização, a prepotência e a dominação. (MORAES, 2003, p. 18).

Assim, entendo que a prática pedagógica ou a postura do profissional da área de educação reflete diretamente no desenvolvimento do aluno/aprendente.

Minha mãe só ficou sabendo de tal incidente alguns anos depois, através de uma amiga minha que estudava comigo e presenciou o fato. Não culpo a professora por minha falta de habilidade manual ou por não gostar de desenvolver trabalhos

ligados as artes visuais, porém sempre que a encontro não consigo cumprimenta-la de forma afável, nem a chamo de “tia”.

O Ministério da Educação – MEC, no início da década de 1990, normatizou um documento de caráter didático e instrumental que norteia a prática educativa dos professores que trabalham nas instituições de Educação Infantil, o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil – RCNEI que em um dos seus tópicos faz referência ao Respeito à Diversidade:

Para que seja incorporada pelas crianças, a atitude de aceitação do outro em suas diferenças e particularidades precisa estar presente nos atos e atitudes dos adultos com quem convivem na instituição. Começando pelas diferenças de temperamento, de **habilidades** (grifo meu) e de conhecimentos, até as diferenças de gênero, de etnia e de credo religioso, o respeito a essa diversidade deve permear as relações cotidianas. Uma atenção particular deve ser voltada para as crianças com necessidades especiais que, devido às suas características peculiares, estão mais sujeitas à discriminação. Ao lado dessa atitude geral, podem-se criar situações de aprendizagem em que a questão da diversidade seja tema de conversa ou de trabalho. (BRASIL, 1998, Vol. 2, p. 41)

A percepção dos órgãos federais que regulamentam a educação bem como dos estudiosos da área fez surgir documentos, textos que tratam do novo perfil dos educadores e alunos. Assim, adaptar temas que englobem as necessidades da nova demanda é um processo ainda em construção, mas que tem rendido um vasto material de apoio para os profissionais da área de educação.

As lembranças dos meus colegas de sala também são nítidas, visto que, quase todos nós fizemos parte das turmas seguintes à pré-escola, além disso, muitos de nós éramos vizinhos ou morávamos pouco distantes uns dos outros, motivo para que os laços de amizade fossem estreitados. Foi durante o ano letivo de 1986, que comecei a ler e escrever, não me lembro o exato momento em que percebi que estava lendo, mas minha mãe conta que a primeira vez que li, em sua presença, foi a capa do livro infantil “Marcelo Marmelo Martelo” de Ruth Rocha. Segundo ela, reagi com bastante naturalidade diante de sua surpresa.

Na escola em que estudei (E. E. Zenon de Souza) não havia livros didáticos para este período escolar, as atividades eram escritas e/ou mimeografadas, a sala de aula era pequena e decorada com letras e números nas paredes, um quadro negro (verde), as mesinhas eram arredondadas com espaço para quatro cadeiras em volta de cada uma delas, havia “cantinhos” para serem expostas as atividades. A estrutura física da sala ficava isolada das demais dependências da escola por um

portão. Entre este portão e a sala havia um espaço amplo de terra, já ao redor das paredes de fora havia calçadas.

Nas discussões durante as disciplinas Fundamentos Teóricos e Metodológicos do Ensino da Educação Infantil II e Estágio Supervisionado I, pude fazer uma retrospectiva *in loco* e reflexivamente à respeito dos ambientes de aprendizagens como recursos pedagógicos, que são praticados especialmente nas turmas da Educação Infantil, percebi que são ambientados praticamente da mesma forma dos que vivenciei na década de 1980, a mudança maior é em relação à prática do educador infantil.

Sobre ambientes de aprendizagem Oliveira (2010) diz que todo ambiente é um espaço organizado que espera determinados resultados. Consequentemente resulta em um espaço de aprendizagens. A autora ainda ressalta que:

A criança desde cedo, reconhece o espaço físico ou atribui-lhe significações, avaliando intenções e valores que pensam ser-lhe próprios. Daí a importância de organizar múltiplos espaços de modo que estimulem a exploração de interesses, rompendo com a mesmice e o simbolismo de certas propostas de trabalho de muitas instituições de educação infantil. (OLIVEIRA, 2010, p. 197-198)

Assim, entendo que os ambientes são propícios ao desenvolvimento de diferentes habilidades como a educação visual, cognitiva, a socialização, permitindo que cada criança interaja à sua maneira, cumprindo as rotinas estabelecidas e reconhecendo os ambientes como seu.

O segundo ano da pré-escola aconteceu no ano seguinte, em 1987, mudei de turno e consequentemente, as professoras eram outras: Celice, Graça e Rita. Estes são os nomes mais presentes nas minhas lembranças dessa época e o ano letivo desenvolveu-se aos moldes do ano anterior: reforço na leitura e na socialização. Eu já tinha conhecimento dos números, mas ainda não fazia todas as associações em relação a eles, ou seja, não entendia as operações básicas: soma, subtração, multiplicação, divisão, embora já soubesse das noções de distância, tamanho, quantidade, formas, etc.

Hoje entendo que a matemática possui construções que perpassam as “quatro operações” ou a “fórmula de Báskara”, que essas noções são muito exploradas, enfatizadas durante a Educação Básica, porém não se limita à elas.

Lembro-me com clareza das festividades que aconteciam nas datas comemorativas: páscoa, dia do índio, festas juninas, dia da criança e natal. Os

alunos dos dois turnos se reuniam para festejar estes momentos. A impressão que tenho em relação às professoras que participaram dessa minha fase da Educação Infantil, é que apesar de jovens profissionais, a maioria gostava do contato com as crianças e mantinha um bom relacionamento conosco.

Na primeira série do 1º grau (atualmente denominado de 2º ano do Ensino Fundamental), tive contato com os livros didáticos: Comunicação e Expressão, Matemática, Estudos Sociais e Ciências e foi quando as disciplinas eram divididas de forma clara, pois na Educação Infantil temos noção apenas do que sejam letras, palavras e números. Assim, com a aquisição de livros didáticos e outros gêneros textuais, a possibilidade de propiciar uma alfabetização contextualizada é mais viável.

Atualmente, utiliza-se a expressão alfabetizar letrando para designar a alfabetização contextualizada e que segundo Di Nucci (2008, p. 61) o letramento<sup>3</sup> envolve diferentes situações de leitura e de escrita que inserem o indivíduo numa sociedade letrada e está presente nos ambientes social e escolar. A professora se chamava Rosivan, a sala de aula era ampla, as carteiras individuais e acima do quadro havia as letras do alfabeto. A rotina era um pouco diferente, já que esperávamos, em filas, para entrar na sala de aula.

Às quintas-feiras cantávamos o hino nacional, resquícios da Era Vargas (1930-1945), que pregava a execução o hino nacional nas escolas públicas ou privadas e tinha como objetivo maior fazer com que os estudantes aprendessem a cantar o hino, além de servir como demonstração de obediência e de amor à pátria. O lanche, que era da própria escola, era servido no pátio. A mudança na rotina trazia a sensação de que estava crescendo, fazia as mesmas coisas que os alunos mais velhos ao frequentar os mesmos espaços.

Nessa época gostava de brincar de “escolinha” com meus primos e vizinhos e como eu já sabia ler, costumava ajudá-los nas tarefas da escola, mas não sentia o desejo de ser professora. Aliás, nessa época eu não pensava no que seria quando

---

<sup>3</sup> Magda Soares define letramento como sendo o estado em que vive o indivíduo que sabe ler e escrever e exerce as práticas sociais de leitura e escrita que circulam na sociedade em que vive: ler jornais, revistas, livros, saber ler e interpretar tabelas, quadros, formulários, sua carteira de trabalho, suas contas de água, luz, telefone, saber escrever e escrever cartas, bilhetes, telegramas sem dificuldade, saber preencher um formulário, redigir um ofício, um requerimento, etc. A alfabetização e o letramento se somam, são complementos.

crecesse. Na segunda série (1989) a professora era Chaguinha, e o diferencial é que havia um grande volume de conteúdo. Destacava-se quem terminava de copiar primeiro e minha mãe foi chamada à escola umas duas vezes por eu não conseguir copiar tudo, assim, as atividades ficavam incompletas. Percebi que não bastava ler, era necessário mostrar “produtividade” escrevendo.

Assim, superei a segunda série e fiquei apta a continuar. A terceira série foi um “divisor de águas”, pois foi o último ano escolar em Umarizal. Não tive grandes dificuldades em relação aos conteúdos ministrados, a professora Cícera tornou-se para mim referência quando o assunto é postura profissional: sempre disposta a atender as necessidades de aprendizagem dos seus alunos, o atendimento era praticamente individualizado, voz suave, paciente, segura em relação aos conteúdos, ensinava de uma forma diferente das outras professoras. Tenho um carinho especial por ela, até hoje a trato por “tia”, mesmo sabendo que o termo caiu em desuso, foi banido pelos “radicais” da pedagogia de forma abrupta e taxativa. Entendo a necessidade do reconhecimento da professora e não da “tia” no processo educacional, mas acredito que chamar a profissional da educação de “tia” a aproxima do aluno, deixa o ensino menos tecnicista e dá uma conotação mais caseira, afetiva, de possibilidades de avanço real.

Senti necessidade de embasar-me teoricamente para refletir acerca dessa discussão durante a construção deste memorial, portanto, recorri a Paulo Freire (1997) em *“Professora sim, tia não – cartas a quem ousa ensinar”*, que é uma de suas mais emblemáticas obras sobre o assunto, onde explica porque a professora não pode ser reduzida ou comparada à tia:

A tentativa de reduzir a professora à condição de tia é uma “inocente” armadilha ideológica em que, tentando-se dar a ilusão de adocicar a vida da professora, o que se tenta é amaciar a sua capacidade de luta ou entretê-la no exercício de tarefas fundamentais. (FREIRE, 1997, p. 25).

Talvez minha visão seja a de quem sempre pertenceu à sala de aula pelo viés do aluno e tenha lido o tema de forma superficial. Mas ressalto que a crítica feita pelos estudiosos, negando a nomenclatura “tia”, teve uma repercussão nas salas de aulas desastrosa, foi entendido pelos professores como uma proibição do termo, assim, os alunos deixaram de usá-lo e quando mencionavam eram repreendidos, nem sempre de forma sutil.

Deste período, nas três primeiras séries do ensino fundamental, as maiores lembranças são dos livros que lia e os escolhia, principalmente, pelas capas. Tinha acesso a eles através da biblioteca do NURE – Núcleo Regional de Educação (atualmente chamada 14ª Diretoria Regional de Educação – DIREDE) de Umarizal, onde minha mãe trabalhava e após a aula eu a esperava na biblioteca para voltarmos para casa. Aproveitava o tempo para ler, olhar capas e fazer as tarefas da escola e assim li diversos livros infantis, fiz um cadastro de empréstimos onde semanalmente pegava três ou quatro títulos. Essa rotina, que durou cerca de cinco anos, me proporcionou além do hábito da leitura, um vasto vocabulário, conhecimento de outras culturas e melhor desempenho escolar. Não recorro se na escola em que estudei havia biblioteca, mas resgatando as lembranças com minha mãe, fui informada que funcionava uma biblioteca e que seu acervo era composto por livros didáticos, e poucos exemplares eram da literatura brasileira ou de clássicos da literatura mundial.

A educação tem um papel importante na formação dos indivíduos enquanto seres críticos e autônomos e os educadores são os responsáveis pela concretização social do processo educativo. Foi relevante todo o meu processo de alfabetização e os três primeiros anos do Ensino Fundamental cursados em Umarizal, as professoras foram peças-chave nesse trajeto. Sobre o grande desafio que os educadores enfrentam Farias (2009) diz que:

Somos sujeitos com capacidade de criar e recriar nosso modo de estar no mundo e nele intervir, ou seja, sujeitos de práxis. Nesse sentido, o professor, como qualquer outro ser humano, se produz por meio das relações que estabelece com o mundo físico e social. É pela ação interativa com as dimensões materiais e simbólicas da realidade em que se encontra inserido, pelas experiências individuais e coletivas tecidas no mundo vivido, que o professor intervém de modo criativo e autocrativo em sua relação com os outros e com o universo do trabalho. (FARIAS, 2009, p.57-58)

O processo de ensino e aprendizagem deve ser refletido por todos, levando em conta a contribuição que um deposita sobre a aprendizagem do outro.

Sobre a importância da capacidade reflexiva do professor durante a alfabetização e do desafio que é fazer as intervenções necessárias no processo-aprendizagem dos alunos, remeto-me às discussões vivenciadas na disciplina de Didática Geral, onde vi que cada educador tem sua própria maneira de conduzir uma aula, deve-se levar em conta os desafios, acertos, as fundamentações teóricas, a

auto avaliação, a reflexão e a criticidade para que os resultados sejam igualmente satisfatórios para o aluno e o professor.

### 3.1 MUNDO NOVO, NOVOS DESAFIOS: CONTINUAÇÃO DA TRAJETÓRIA, VIVÊNCIAS MARCANTES

*“A sociedade e cada meio social particular determinam o ideal que a educação realiza”. Émile Durkheim*

Por consequência da seca constante em Umarizal e a falta de perspectiva de trabalho para o meu pai, meus pais decidiram que Natal seria ideal para nos criar e termos uma melhor qualidade de vida e assim, iniciou-se uma nova etapa na vida familiar que teve bastante importância para os momentos futuros.

Aos 03 de janeiro de 1991 nos mudamos de cidade em busca melhores perspectivas A adaptação não foi fácil: casa pequena, cidade grande, família aumentando, pois minha mãe estava grávida do filho caçula e o meu espaço diminuindo.

Em 1991, em Natal, iniciei a quarta série na Escola Estadual Soldado Luís Gonzaga, com pessoas diferentes, faixas etárias também diferentes da minha e para cada disciplina havia um professor, destaco a professora Luciene, da disciplina de ciências, que apesar da postura conservadora, disciplinadora, foi uma boa educadora. Reflito acerca da prática desta professora e reporto-me à disciplina Didática Geral quando em uma das discussões sobre tendências pedagógicas, a autora Christiane Martinatti Maia (2008) cita Fernando Becker e seus três modelos de atuação de cada professor: Pedagogia Diretiva, Pedagogia Não-Diretiva<sup>4</sup> e Pedagogia Relacional<sup>5</sup>.

Assim, associo a prática da educadora em questão com a Pedagogia Diretiva descrita por Becker (2001), onde ele explica que:

---

<sup>4</sup> Pedagogia não-diretiva, segundo Becker é quando professor renuncia àquilo que seria característica fundamental da ação docente: a intervenção no processo de aprendizagem do aluno. O aluno determina a ação do professor.

<sup>5</sup> Pedagogia relacional, conforme Becker, o professor, além de ensinar, passa a aprender e o aluno, além de aprender, passa a ensinar. O professor e o aluno determinam-se mutuamente.

A Pedagogia Diretiva é configurada numa sala de aula em que o professor observa a entrada de seus alunos, aguardando que eles ocupem seus lugares e fiquem em silêncio. As classes são dispostas de modo a evitar que os estudantes conversem entre si. Caso não façam silêncio logo no início da aula, o professor falará alto, chamará um aluno, xingará outro, até obter a exclusividade da palavra. Só então dará início à aula. Nessa aula, o professor fala, o aluno ouve; o professor decide o que fazer e o aluno realiza. (MAIA, 2008, p. 43)

Concebo que essa prática pedagógica é caracterizada pela repetição de conteúdos, o professor fala e o aluno tenta compreender sem ser partícipe do processo, assim, a troca de saberes tão essencial no ensino aprendizagem não acontece.

Passei três anos na Escola Estadual Soldado Luís Gonzaga, situada na Avenida Amintas Barros, no bairro Dix-Sept-Rosado, foi um exercício para minha introspecção: de uma criança falante, comunicativa e vários amigos para alguém calada, tímida e poucos amigos. Tentei compensar a lenta adaptação trocando cartas com as amigas de Umarizal e lendo livros e histórias em quadrinhos.

A quinta e a sexta séries foram mais complicadas em relação aos conteúdos, foi nessa fase que comecei a sentir dificuldade em Matemática, inclusive fiquei em recuperação na sexta série. Período decepcionante. Nos anos em que fiquei no “Luís Gonzaga”, fui poucas vezes à biblioteca, o acervo era fraquíssimo, só havia livros didáticos e o espaço não tinha “cara” de biblioteca, os livros eram empilhados, amontoados, sem catalogação, não dava prazer em ler nenhum título. Havia um professor, João, de Língua Portuguesa, que nos incentivava a irmos à biblioteca Câmara Cascudo, em Petrópolis, mas se tornou inviável, pois era distante, não tinha quem me acompanhasse e eu não podia ir apenas com os colegas de sala. Contentava-me em ler os textos contidos nos livros didáticos de Língua Portuguesa e Literatura, disponíveis em casa ou na escola.

A partir da sétima série (1994), passei a estudar em uma escola particular, o Dinâmico Colégio e Curso, desde a sexta série ficar em recuperação em Matemática parecia obrigatório. Foi assim durante os cinco anos que passei nessa escola e já no Ensino Médio (nomenclatura usada desde 1996 com a regulamentação da Educação Básica pela Lei nº 9.394/96, anteriormente era chamado 2º Grau), além da recuperação na disciplina de Matemática, ficava também em Química e Física. Excetuando-se minha reprovação, na oitava série, em Matemática, tenho boas lembranças do meu convívio com os colegas, dos três livros paradidáticos que



deveríamos ler durante o ano, da biblioteca organizada e mais “sortida” do que a escola anterior, da feira de ciências, que servia para alavancar as médias baixas dos alunos e do professor Jacson, de Química, que nos ensinou a fazer seminário e experiências cotidianas para entendermos a matéria, recordo-me de uma experiência realizada em grupo para entendermos o fenômeno da osmose e que até hoje sei como se dá o processo, pois foi uma aula diferenciada, tornou-se motivadora, fugiu da mesmice e proporcionou aprendizagens importantes no meu processo educativo.

A experiência consistiu em observarmos o que aconteceria, em 3 dias, com um pepino mergulhado em um frasco com água destilada, outro pepino mergulhado em água com sal e outro mergulhado em água potável. Deveríamos anotar o que aconteceu com os pepinos, com que aparência ficaram, a partir disso, entendemos como se dá a osmose, ou seja, a membrana semipermeável existente no pepino permite a saída ou entrada de água dependendo da solução em que ela estiver mergulhada. Neste caso, o pepino que estava na água destilada ficou inchado, pois a membrana absorveu a água pura. O outro pepino, que estava na água com sal murchou, pois a água mais concentrada absorveu a menor concentração. O que estava mergulhado na água potável permaneceu inalterado, pois a água e o pepino estavam em equilíbrio. Então, entendi que osmose acontece quando, por meio da membrana semipermeável, há uma distribuição de líquido nem sempre igual, pois depende do meio aquoso (água destilada, água com sala e água potável) em que está inserido o objeto (pepino).

Nesta perspectiva, a respeito da relação entre professores e alunos convivendo em uma sociedade de informação e do conhecimento, Isabel Alarcão (2006, p. 15) diz que o professor já não é o único transmissor do saber e o aluno tem de aprender a gerir e a relacionar informações para transformá-las no seu conhecimento e no seu saber. Percebo que nesta flexibilidade de papéis há uma aprendizagem colaborativa e enaltece as competências exigidas dos sujeitos inseridos na sociedade.

No último ano do Ensino Médio mudei de escola para fazer cursinho pré-vestibular, tive que escolher entre meus pais pagarem o cursinho ou a escola. Voltei para a escola pública, no turno noturno, e fazia cursinho pela manhã. Assim, em 1999 terminei o Ensino Médio, fiz meu primeiro vestibular para Comunicação Social (Jornalismo) na Universidade Federal do Rio Grande do Norte – UFRN, mas não fui

aprovada, achei que pelo fato de gostar de ler e escrever me encaixaria no perfil do curso, mas participar de um processo seletivo para a Universidade Federal requer outras habilidades as quais ainda não as possuía, porém fui impulsionada a não desistir de tentar.

## 4 VIDA PROFISSIONAL: ESTREITAMENTO COM A EDUCAÇÃO, FORMAÇÃO ACADÊMICA I

*“O exercício de qualquer profissão é prático, no sentido de que se trata de aprender a fazer “algo” ou “ação”. [...] Para isso, lançam mão de suas experiências e dos saberes que adquiriram”. Selma Garrido Pimenta*

No ano seguinte (2000), fiz o concurso público para Auxiliar de Serviços Gerais – ASG da Secretaria Estadual de Educação e Cultura – SEEC, fui aprovada e convocada na primeira listagem com nomeação publicada em agosto do mesmo ano. Assim, houve um estreitamento da minha relação com a educação, passei a observá-la e participar dela de outro ângulo, superei o status estudante, para profissional da educação<sup>6</sup>. No final do mesmo ano (2000), tentei um novo vestibular na UFRN e consegui ser aprovada no curso de Serviço Social.

Em 2001, minha família conquistou a casa própria aqui em Natal, no bairro Pajuçara e tivemos que enfrentar mais uma mudança dez anos depois da primeira grande mudança das nossas vidas, o que nos deixou extremamente felizes.

Encarar o trabalho pesado em uma escola nunca foi o que eu sonhei, pois sempre acreditei que o “trabalho intelectual” combinaria mais comigo. O impacto maior foi fazer parte de uma escola num bairro periférico, com altos índices de violência e desenvolvendo atividades com as quais eu não estava acostumada, mas que eu tinha optado em fazê-las a partir do momento em que me inscrevi e fui aprovada no concurso. Tais atividades consistiam em varrer salas de aulas, lavar banheiros e cozinhar.

Foi no turno matutino da Escola Estadual Professora Maria Luíza Alves Costa que eu passei a entender o funcionamento de uma escola pública, tive noções de gestão educacional e de pessoas, mesmo fazendo parte da “senzala”<sup>7</sup>.

Na faculdade de Serviço Social percebi o quanto esta profissão é próxima da educação, porém o Assistente Social é um profissional que não está oficialmente

---

<sup>6</sup> Essa nomenclatura foi inserida no contexto educacional em função do Profucionário, que é um programa do MEC que visa a formação dos funcionários de escola, em habilitação compatível com a que exerce na instituição. No RN foi sancionada a Lei Complementar nº 432 de 1º de julho de 2010 que rege sobre o Plano de Cargos Carreira e Remuneração de administração direta do estado, incluindo assim, os ASG's, TED's, porteiros das escolas.

<sup>7</sup> Senzala - termo usado por mim e minhas colegas de trabalho por entendermos, na época, que as funções nobres de uma escola são desempenhadas pelos gestores, professores e coordenadores e quem faz parte dos outros setores estão à margem e são discriminados pelos colegas por esta condição.

inserido na área da Educação Básica, apesar de existir um projeto de lei em tramitação no congresso nacional que vincula/efetiva o trabalho do Assistente Social nas escolas da Educação Básica (PL nº 3688/2000), tal projeto inclui também o Psicólogo para participar dos quadros educacionais. O Assistente Social se aproxima das práticas do professor, pois ele responde e conhece efetivamente os anseios dos indivíduos que muitas vezes estão à margem da sociedade e fora de processos educacionais necessários ao desenvolvimento.

Assim, tentando conciliar a vida acadêmica com a do trabalho braçal, foram quatro anos e meio. Em 2006, sofri outra importante mudança, no meu ambiente familiar, além de filha e irmã, eu também passaria a ser esposa e mãe, pois em quatro de agosto aconteceu algo sublime: o nascimento de Arthur, meu filho, meu príncipe.

Concluí o curso e no ano seguinte, em 2007, mais precisamente no mês de agosto, depois de 7 anos na mesma escola, pedi remanejamento para um local mais próximo da minha casa, a Escola Estadual Professora Dulce Wanderley, no bairro de Redinha. Estava passando por um processo depressivo causado pelo acúmulo de atividades e que poderia ser minimizado pela mudança do local de trabalho, visto que o fator tempo seria relevante para a concretização das atividades que estava me propondo a desenvolver.

O cenário não mudou, a nova escola possui os mesmos entraves que a anterior, a comunidade também é detentora dos mesmos problemas que afetam qualquer bairro de periferia, mas minha função foi acrescida de novos valores, saberes e fazeres. Passei a auxiliar a coordenação pedagógica e no ano letivo seguinte eu coordenava o turno vespertino. Apesar de no meu contracheque ainda constasse ganhos compatíveis ao de um ASG, contentava-me com a função compatível com a minha formação profissional. Minha gratidão será eterna à Diva, Ilda e Eliane, pois elas acreditaram que eu poderia fazer mais pela escola e que meu trabalho seria reconhecido por todos.

Ainda em 2007, no mês de setembro, a morte do meu pai, por infarto, me deixou bastante abalada e fez com que eu desencadeasse novamente o processo depressivo, mas não deixei de trabalhar, foi contido com ansiolíticos, que posteriormente, deixei de tomá-los.

Em 2008, com a ajuda de Gorette, a coordenação do vespertino estendeu suas ações para os outros turnos, assim, a nossa parceria rendeu ótimos resultados para a escola.

O contato direto com os alunos, de forma cativante, menos impositiva, mostrou que a proximidade do aluno com a coordenação e com os professores tornava a relação entre estes atores menos conturbada, e algumas atitudes cometidas pelos alunos como agressividade ou envolvimento com drogas, puderam ser minimizadas, além disso, fomos responsáveis pela implantação de um sistema de controle de frequência e notas, que auxiliava diretamente o trabalho das secretárias da escola, ampliamos o número de reuniões e ações educativas voltadas para os pais, fazendo com que eles comparecessem com maior frequência à escola e realizamos uma gincana cultural, que se tornou atividade institucionalizada no calendário da escola durante os anos seguintes. Foram ações simples, que a comunidade escolar as recebeu bem e apostou e contribuiu para a realização delas.

O desafio de encarar a escola pelo viés da coordenação me encantou e percebi outra vertente da educação, que é possível ser educador participando de outros setores da educação sem ser a sala de aula. Notei também que no desenvolvimento das minhas ações junto à coordenação me aproximei da graduação em Serviço Social. Neste mergulho na área da gestão escolar, fiz o concurso para Suporte Pedagógico da rede estadual de ensino, que aconteceu em 2011 e fui aprovada, estou à espera da convocação, pretendendo com isso efetivar o meu fazer profissional no campo da coordenação pedagógica.

A disciplina Gestão Educacional me possibilitou reflexões acerca da escola e o cumprimento de sua função social integrando objetivos, ações, planejamento e participação humana. Neste sentido, concordo com Libâneo (2001) quando ele ressalta que,

a escola é uma instituição social que apresenta unidade em seus objetivos (sócio-políticos e pedagógicos), interdependência entre a necessária racionalidade no uso dos recursos (materiais e conceituais) e a coordenação do esforço humano coletivo. Qualquer modificação em sua estrutura ou o funcionamento de um dos seus elementos, projeta-se como influência benéfica ou prejudicial nos demais. Por ser um trabalho complexo, a organização e gestão escolar requerem o conhecimento e adoção de alguns princípios básicos, cuja aplicação deve estar subordinada às condições concretas de cada escola. (LIBÂNEO, 2001, p. 115)

Assim, percebo que os processos educativos presentes nas escolas são frutos de responsabilidade, cooperação, organização, metodologias, objetivos sócio-

políticos e pedagógicos, autonomia gerencial e discussões pautadas em reflexão. As pessoas que fazem as escolas são capazes de promoverem qualquer tipo de mudança.

E em 2009, há três anos sem estudar, participei do primeiro processo seletivo pra o Curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Formação Superior Presidente Kennedy – IFESP e fui aprovada. Assim, começou o fortalecimento do elo entre minha vida voltada à educação, minha vida profissional e minha escolha acadêmica que tratarei na seção seguinte.

## 5 FORMAÇÃO ACADÊMICA II: FORTALECIMENTO DE ELOS E A CONTRIBUIÇÃO DO IFESP

*“A formação é um dos contextos de socialização que possibilita ao professor reconhecer-se como um profissional, construindo-se a partir de suas relações com os saberes e com o exercício da docência”.*  
Farias, Sales, Braga e França

A minha inserção no curso de Pedagogia do IFESP em 2009, através do processo seletivo, foi de extrema importância para o desempenho das minhas funções no meu local de trabalho, mas só percebi isso alguns semestres depois.

Ingressei no curso sem muito interesse, pois me deparei com uma turma totalmente diferente das quais eu já havia participado, os alunos eram de uma faixa etária diferente da minha, estavam há muitos anos fora de uma sala de aula (na condição de estudantes), a maioria era composta por auxiliares de secretaria, professores de projeto ou por quem já tinha tido experiências com ensino.

Nos primeiros dias de aula percebi que eu não me encaixava no perfil da turma, e também não fazia parte do perfil da instituição, onde sua principal missão é a formação de professores, já que eu nunca havia ensinado formalmente e não tinha essa pretensão, estava fora do perfil padrão do IFESP. Fiquei desestimulada para continuar, mas conforme as aulas foram acontecendo, eu pude perceber o diferencial do curso promovido pelo IFESP, as possibilidades de atuação que ele me daria e que poderia ser uma ótima professora, se assim o desejasse, bem como desenvolver de forma satisfatória qualquer outra função na escola. A aproximação com os colegas de sala de aula também foi determinante para que eu pudesse continuar, os laços de amizade foram estreitando conforme as afinidades surgiam.

Passados estes momentos de pouco entusiasmo, procurei agregar boas expectativas para que eu pudesse render nas aulas, durante as discussões, tudo o que fosse possível e, assim, fazer com que o curso gerasse bons resultados.

No decorrer da escrita deste Memorial de Formação, fiz reflexões aliadas a algumas disciplinas que cursei em Pedagogia, assim, nesta seção pretendo refletir sobre os momentos vivenciados durante outras disciplinas que fizera com que pudesse considerá-las relevantes durante as aulas e principalmente a forma metodológica como foram desenvolvidas. Também tratarei das quatro etapas de

Estágio Curricular Supervisionado e a aproximação que tiveram com minhas práticas profissionais na escola onde desenvolvo meu trabalho.

Confesso que as disciplinas que tratam de Filosofia, Sociologia, História, Geografia, Didática são as que eu me identifico com maior facilidade. Porém, as disciplinas ligadas à Matemática foram desenvolvidas de formas peculiares, pude aproveitá-las satisfatoriamente, o que gerou ótimo desempenho e surpresa, pois minha trajetória estudantil é marcada pelo insucesso na temida disciplina.

As disciplinas de Pesquisa e Prática Pedagógica nortearam o desenvolvimento das outras em todos os períodos letivos, além de terem sido base para o desenvolvimento dos Estágios Curriculares Supervisionados. As disciplinas de Corporeidade e Educação, e Educação Física abriram novas formas de enxergar o “ofício” de dar aulas ou de desenvolver minha função de auxiliar de secretaria.

Nessa perspectiva de maior identificação com algumas disciplinas em relação às outras e quanto elas estão integradas com as temáticas me interessam faço uma reflexão acerca da elaboração de uma grade curricular, seja de um curso de graduação ou da educação básica, percebo a importância da articulação entre as disciplinas para o desenvolvimento satisfatório dos alunos, mesmo que nem todos sejam “atingidos” pelos propósitos dela, mas a maioria o faz. Neste sentido, na disciplina Currículo: teoria e prática, foi discutido sobre o currículo e a descoberta da identidade profissional de cada indivíduo através dele. Assim, para Moreira e Candau (2008) não basta acrescentar temas, autores, celebrações ao currículo, é necessária uma releitura da própria visão de educação, é indispensável desenvolver uma nova ótica, uma sensibilidade diferente ao fazer cotidiano do profissional de educação.

Ainda nesta linha de pensamento acerca da importância do IFESP proporcionar que seus alunos tenham uma perspectiva diferenciada quanto ao seu fazer profissional, Câmara (2009) declara que,

um professor [...] ao desenvolver sua ação docente, vive essa transformação quando lança um “novo” olhar sobre a sua “velha” prática, o que oportuniza realizar uma releitura e uma reelaboração de si mesmo e do próprio trabalho, refletindo sua visão de mundo e sensibilizando-se para a vida. Toda ação desempenhada na vida ao viver vai ao encontro dessas definições. (CÂMARA, 2009, p. 103-109).

As aprendizagens obtidas durante o curso foram de forma gradativa, conforme as vivências, o que me oportunizou viver e reviver situações a partir da



reflexão de cada ação, pude assim, ressignificar o meu trabalho e minha postura enquanto estudante.

Nas aulas de Educação Física foi-me proporcionado uma visão voltada para as pessoas e seus diferentes processos de aprendizagens e como elas lidam com o vivenciado ao longo da vida. Para concluir essa linha de pensamento me remeto à Zabala (1998) quando ele enfatiza que o professor deve utilizar formas de ensinar que se adequem às necessidades de cada aluno. Assim, o autor aponta que,

o fato de que não exista uma única corrente psicológica, nem consenso entre as diversas correntes existentes, não pode nos fazer perder de vista que há uma série de princípios nos quais as diferentes correntes estão de acordo: as aprendizagens dependem das características singulares de cada um dos aprendizes, correspondem, em grande parte, às experiências que cada um viveu desde o nascimento; a forma como se aprende e o ritmo da aprendizagem variam segundo as capacidades, motivações e interesses de cada um dos meninos e meninas, enfim, a maneira e a forma como se produzem as aprendizagens são o resultado de processos que sempre são singulares e pessoais. (ZABALA, 1998, p. 34)

A maioria dos professores formadores do Instituto Kennedy pratica essa forma de ensinar, percebendo a necessidade de cada aluno e trabalhando para correspondê-la.

As disciplinas de Matemática e Estatística promoveram uma verdadeira provocação na minha zona de conforto, pois através da metodologia usada pelas professoras fui “intimada” a pensar matematicamente, percebi que não é difícil e nem complexo como nos fazem acreditar, foi uma experiência importante que me estimulou a praticar “matemática” fora da sala de aula e perceber que já fazemos isso em qualquer atividade cotidiana.

As atividades de raciocínio lógico, geometria e outros conteúdos do Ensino Fundamental foram ferramentas de resgate, que lembrava apenas dos nomes, não sabia mais como desenvolver certas questões, com motivação em redescobrir fui tentando aprender e reaprender. Todos nós nos empenhávamos durante as aulas, pois ao final dos conteúdos havia uma “competição” entre os alunos da sala que dividia-se em dois grupos, servia principalmente, como fixação da aula dada. Assim, concordo com Castilho (2001, p. 28) quando ela ressalta que “cada ser humano, a sua maneira, é capaz de pensar, verbalizar e escrever sobre fatos matemáticos”. É importante considerar que cada pessoa tenha seu próprio modo de desenvolver

suas aptidões para assuntos matemáticos e como elas o levam para o ambiente em que esteja inserida, seja na escola, na rua, fazendo compras.

As disciplinas de Estágio Supervisionado foram os grandes testes para o exercício da docência. Essa experiência foi dividida em quatro estágios: Educação Infantil, Ensino Fundamental, Gestão e estava programado pela instituição acontecer em um Espaço não Escolar, alguns grupos conseguiram, outros repetiram a Gestão ou a Docência. Tais etapas me proporcionaram reflexões sobre a prática e a fundamentação teórica, o quanto uma está atrelada à outra e o papel do graduando em Pedagogia promover essa capacidade crítica e reflexiva na trajetória acadêmica. As reflexões tratadas neste Memorial integraram parte dos relatórios de estágio, que foram feitos em dupla, por isso, a utilização do “nós” no decorrer do texto.

O Estágio Supervisionado I aconteceu em um Centro Municipal de Educação Infantil – CMEI, onde a expectativa gerada por mim e minha companheira de estágio foi intensa. O primeiro contato com a professora titular da sala foi marcante, pois quebrou o gelo inicial da apreensão e ela foi bastante comunicativa, o que nos possibilitou manter um diálogo em que enfatizou pontos importantes do dia-a-dia da instituição, das especificidades de sua turma e que tais informações serviram de base para o planejamento de nossa docência.

Como existem diversos tipos de professores há diversos tipos de estagiários (as), pois o estágio é um encontro de diversas perspectivas, experiências e exposição ao desconhecido, como nos diz Ostetto,

ao longo do processo, algumas (estagiárias) mostram claramente a disposição do encontro com as instituições educativas, antevendo limites e possibilidades, encarando o real; outras parecem “fazer de conta” (...). Há aquelas que estão preocupadas em aprender “como se faz” (...) e aquelas estão interessadas em se relacionar com o contexto mais amplo para aprender a dinâmica do cotidiano da educação, das professoras, de cada criança. (OSTETTO, 2011, p. 81)

O início foi difícil, esse é o nosso primeiro estágio, não somos de “sala de aula” e a insegurança e a ansiedade foram nossas companheiras durante todo o processo. Como a sala de aula nos foi “entregue de mãos beijadas”, nos sentimos jogadas aos leões, pois agora seríamos apenas nós duas e as crianças, sem ninguém a recorrer quando sentíssemos dúvidas sobre como conduzirmos alguma atividade ou situação inusitada, apesar de que sabíamos que as professoras estariam presentes sempre que pedíssemos. Por um lado, a tal liberdade que tanto

tememos serviu para que não nos sentíssemos tão pressionadas pelos olhares avaliadores das professoras efetivas, e pudemos relaxar para tentarmos por em prática o que vimos em cinco semestres do curso de Pedagogia; por outro lado, como não tínhamos a quem recorreremos, percebemos que as crianças também ficaram mais a vontade, menos intimidadas com nossa presença, assim foi um pouco difícil manter a ordem em alguns momentos.

Como seguimos à risca a rotina a qual as crianças estavam acostumadas, não houve problemas em relação a nenhuma atividade, tornando o nosso planejamento, execução e avaliação satisfatórios. Pudemos por em prática as metodologias e estratégias, criamos vínculo afetivo, estimulamos a cognição (nossa e das crianças) e tivemos a oportunidade de lançarmos nosso olhar crítico no que concerne o processo educativo no ensino infantil.

A inserção no campo de estágio nos possibilitou contextualizar a prática de um professor reflexivo com a superação das nossas próprias deficiências e entendermos que o local onde “praticamos” a teoria é de fundamental importância para a vida do graduando, assim concordamos com Pimenta e Lima (2011) quando elas falam sobre o quão é importante o espaço da prática educativa, pois

os lugares da prática educativa, as escolas e outras instâncias existentes num tempo e num espaço, são o campo de atuação dos professores (os já formados e os em formação). O conhecimento e a interpretação desse real existente serão o ponto de partida dos cursos de formação, uma vez que se trata de possibilitar aos futuros professores as condições e os saberes necessários para sua atuação profissional. (PIMENTA e LIMA, 2011, p.54-55)

O campo de estágio deve ser uma parceria entre estagiários, instituição e professores titulares; não pode ser visto como descartável pelos estagiários e desnecessário pela instituição e professores, o diálogo entre os atores envolvidos no processo do estágio deve prevalecer e os saberes precisam ser compartilhados.



Fonte: Acervo pessoal da autora

Então, o nosso estágio na Educação Infantil nos fez avaliar e evoluirmos na nossa prática docente em construção e refletirmos sobre os processos educativos que essa modalidade requer; de certa forma, nos deu a oportunidade de vivenciarmos experiências múltiplas para o ensino e nossa formação docente, nos estimulou a nos auto avaliarmos e termos criticidade, discernimento e reflexão acerca de nossa conduta em casa, no curso de formação e nas próximas etapas de estágio e na nossa atuação enquanto profissionais da educação.

No Estágio Supervisionado II, o enfoque foi o Ensino Fundamental, a prática docente nos anos iniciais fez com que por alguns momentos o discurso inovador que nós graduandos pregamos tenha fugido um pouco, pois em alguns momentos ficamos atreladas ao “o ensinar” da professora titular da sala, pensamos que como eles (alunos) estavam acostumados com a didática dela seria mais fácil nós a acompanharmos (imitarmos). Refletimos e vimos que cada um tem sua própria maneira de conduzir uma aula, então passamos a acreditar que seria possível arriscar e inovar à nossa maneira.

Percebemos também o quanto é complicado trabalhar com uma turma tão heterogênea, apesar de nenhuma sala ser composta de forma homogênea, mas essa turma tinha uma especificidade: o nível de alfabetização não compatível com o 4º ano. Este foi um dos fatores que nos fez repensar todo o nosso planejamento e a nossa postura diante da prática docente.



Fonte: Acervo pessoal da autora

O processo de ensinar e aprender dever ser visto como uma liberdade reflexiva, onde os participantes deste processo deem um sentido ao seu próprio aprender, contribuam para a capacitação educacional uns dos outros. Como afirmam Maturana e Rezepka (2000) em Formação humana e capacitação:

Um professor ou professora só pode contribuir para a capacitação de seus alunos se vive sua tarefa educacional desde sua própria capacidade de fazer e desde sua liberdade para refletir acerca de sua atividade a partir do respeito por si mesmo, fazendo o que é ensinado. (MATURANA & REZEPKA, 2000, p. 18)

Ser professor ainda está em processo na nossa caminhada, mas será através das experiências, das vivências em sala de aula que chegaremos ao que significa realmente ensinar. Cada etapa vencida nos dá a certeza de que estamos mais perto da profissão e não basta apenas ter “vocação”, é preciso estar apto para quando o momento de “enfrentar” a sala de aula chegar conseguirmos vivenciá-lo da maneira mais prática possível, levando em conta os desafios, os acertos, a auto avaliação, a reflexão e a criticidade.

Os Estágios Supervisionados III e IV foram realizados na área de gestão em um espaço escolar, as considerações a seguir englobam essa experiência.

Percebemos que as escolas atualmente levantam a bandeira da gestão participativa, que ao pé da letra significa contar com a participação/intervenção dos profissionais da educação, dos alunos, pais e da comunidade na gestão; e esta participação se dá de duas formas mais enfáticas: a que gera autonomia da escola como um “todo” e a participação como processo organizacional, que está atrelada a compartilhamentos e tomadas de decisões.

Mas, discurso e prática ainda se distanciam na educação, apesar de haver um esforço por parte dos diversos atores do processo que compõe o sistema educacional, para que tal distância diminua. Ainda assim, termos simples como diretor e gestor são confundidos e distorcidos por muitos, outra confusão acerca da gestão participativa está pautada na interação da escola com a sociedade civil. Para que a escola cumpra sua função social ela deve integrar objetivos, ações, planejamento e participação humana.

Dessa forma, acreditamos que os processos educativos presentes nas escolas devam ser frutos de responsabilidade, cooperação, organização, metodologias, objetivos sócio-políticos e pedagógicos, autonomia gerencial e decisões pautadas em reflexão. Acredito, portanto, que ainda há esperança em relação à melhoria da educação.

## 6 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

*"A educação é a ferramenta mais poderosa que podemos usar para mudar o mundo."  
Nelson Mandela*

Considero este memorial, que reflete meus elos com a educação, livre de dramas, impasses ou dúvidas acerca do ato de estudar, diferente de outros que li para captar ideias e construí-lo, nunca tive que optar entre a educação em detrimento qualquer outra atividade, o desejo de construir e agregar saberes nunca foi podado por qualquer pessoa ou motivo. Os espaços e os momentos sempre estiveram favoráveis às minhas decisões em participar de processos que me conduzissem ao caminho educacional.

A educação sempre foi assunto de destaque e incentivo, desde a minha família, enquanto primeira instituição social educadora até às escolas de educação básica e superior, por isso considero essencial que esse fortalecimento de elos estabelecido durante os quatro anos na graduação do Instituto Kennedy selou a minha identidade como educadora e tornou possível acreditar em um crescimento pessoal.

Estudar satisfaz, inclusive, meu ego, e favorece meu crescimento profissional, pois sou capaz de contribuir com ideias palpáveis, concisas que se aliam à teoria (concebida no espaço acadêmico) no desenvolvimento do meu trabalho.

Nesta perspectiva, não tenho intenção de parar por aqui, a educação me permite esse “querer avançar”, acredito que minha identidade profissional, na área da educação, ainda está em formação e o processo de aprendizagens adquiridas faz com que eu me reconheça neste campo e reflita sobre minhas ações, colaborando também para o meu desenvolvimento pessoal.

Dessa forma, entendo e concordo com Farias, Sales et al (2009) quando explicitam sobre a formação do professor ser um mecanismo de auto reconhecimento a partir da relação dos saberes acadêmicos com o exercício da docência. Assim, para os autores,

a formação configura-se como uma atividade humana inteligente, de caráter processual e dinâmico, que reclama ações complexas e não lineares. Nesse sentido, trata-se de um processo no qual o professor deve ser envolvido de modo ativo, precisando continuamente desenvolver atitudes de questionamento, reflexão, experimentação e interação que fomentem mudança. (FARIAS, SALES et al, 2009, p. 67).

Assim, considero minha formação acadêmica, em Pedagogia, um exercício de reflexão que promove transformações importantes no meio em que estou inserida. As transformações saem da esfera pessoal e passam para a coletiva, visto que, atinjo mais pessoas com o que aprendo, logo multiplico saberes/aprendizagens.

## REFERÊNCIAS

- ALARCÃO, Isabel. **Professores reflexivos em uma escola reflexiva**. São Paulo: Cortez Editora, 2006.
- BRASIL. Senado Federal. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**: nº 9394/96. Brasília, 1996.
- BRASIL, Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil**. Brasília: MEC/SEF, v. 2. 1998.
- CÂMARA, Tereza C. B. Criando, brincando, sentindo, pensando e humanescendo: a fonte dos saberes da vida jorra numa experiência formativa no Instituto Kennedy. In: SOUZA, Ana S., Maciel, Neide M. e CÂMARA, Tereza C. B. (orgs). **Caderno de Formação Docente**. João Pessoa: Ideia, 2009.
- CASTILHO, Sônia Fiuza da Rocha. **Medir**: necessidade social. Revista Amae Educando. Maio, n. 299, 2001.
- DI NUCCI, Eliane Porto. Alfabetizar letrando... Um desafio para o professor! In: LEITE, Sergio Antônio da Silva (Org.) **Alfabetização e Letramento**: contribuições para as práticas pedagógicas. 4 ed. Campinas, SP: Komedi, 2008.
- FARIAS, I. M. S; SALES, J. O. C. B.; BRAGA, M. M. S. C; et al. Fundamentos da prática docente: elementos quase invisíveis. In:\_\_\_\_\_. **Didática e docência**: aprendendo a profissão. Brasília: Líber livro, 2009.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Professora sim, tia não** – cartas a quem ousa ensinar. São Paulo: Editora olha D'água. 1997.
- JORNADA NACIONAL DO GRUPO DE ESTUDOS LINGUÍSTICOS DO NORDESTE. 24. 2012. Natal. CÂMARA, Sandra C. X da; PASSEGGI, M. C. **O gênero memorial acadêmico no Brasil**: concepções e mudanças de uma autobiografia intelectual. Natal: EDUFRRN, 2012. Disponível em: <<http://www.gelne.org.br/Site/arquivostrab/1517-ARTIGO-GELNE-2012-SandraCXCamara-Passeggi.pdf>>. Acesso em: 27 set. 2013.
- LIBÂNEO, José Carlos. **Didática**. São Paulo: Cortez, 1994.
- LIBÂNEO, José Carlos. O sistema de organização e gestão da escola. In: \_\_\_\_\_. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001. p.93-107.
- \_\_\_\_\_. **Organização e gestão da escola**: teoria e prática. Goiânia: Ed. Alternativa, 2001.
- MAIA, Christiane Martinatti. Tendências pedagógicas II. In: **Organização do trabalho pedagógico**. Curitiba: IESDE Brasil S.A, 2008. 120 p.



MANFROI, Edi Cristina; MACARINI, Samira Mafioletti e VIEIRA, Mauro Luis. **Comportamento parental e o papel do pai no desenvolvimento infantil**. Revista Brasileira do Crescimento e Desenvolvimento Humano. 2011, vol.21, n.1, p. 59-69.

MATURANA, H. & REZEPKA, S. N. **Formação Humana e Capacitação**. Trad. Jaime A. Clasen. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MORAES, Maria Cândida. Introdução. In: **Educar na biologia do amor e da solidariedade**. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 17-33

MOREIRA, Antônio Flávio B., CANDAU, Vera Maria. **Currículo, conhecimento e cultura**. In: Indagações sobre currículo. Brasília: MEC/SEB, 2008.

MORTATTI, Maria Rosário Longo. História do método de alfabetização no Brasil. In: \_\_\_\_\_. **Os sentidos da alfabetização**. São Paulo: Ed. UNESP, Brasília: MEC/INEP/COMPED, 2000; e \_\_\_\_\_. Educação e Letramento. São Paulo: Ed. UNESP, 2004.

OLIVEIRA, Zilma de Moraes Ramos de. **Educação Infantil: fundamentos e métodos**. 5 ed. rev. amp. São Paulo: Cortez, 2010. (Coleção Docência em Formação. Série Educação Infantil).

OSTETTO, Luciana Esmeralda. Deslocamentos, aproximações, encontros: estágio na educação infantil. In: GOMES, M. O. (org.). **Estágios na formação de professores: possibilidades formativas entre ensino, pesquisa e extensão**. São Paulo: Loyola, 2011.

PASSEGGI, M. C. Memorial de formação. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. **DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente**. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM

PIMENTA, Selma Garrido; LIMA, Maria do Socorro Lucena. **Estágio e docência**. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2011, p. 54-55.

SAMBRANO, Taciana Mirna. Relação instituição de Educação Infantil e família: um sonho acalentado, um vínculo necessário. In: ANGOTTI, Maristela. (org). **Educação Infantil: para que, para quem e por quê?** Campinas, SP: Editora Alínea, 2006, p. 139-155.

SOARES, Magda. **Alfabetização: um tema em três gêneros**. 3 ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

\_\_\_\_\_. Alfabetização e letramento, 5 ed. 2ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2008, p. 13-25

ZABALA, Antoni. **A prática educativa: como ensinar**. Trad. Ernani F. da F. Rosa. Porto Alegre: ArtMed, 1998.